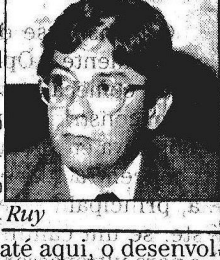


“O desafio: livrar o Brasil do analfabetismo humilhante.”

“Um dos mais fantásticos aspectos desta nova revolução industrial que a economia mundial vem enfrentando nesta década é a excepcional mudança do eixo em que se susten-



Ruy

tava, em grande parte, até aqui, o desenvolvimento e o enriquecimento das nações. As extraordinárias descobertas científicas das duas últimas décadas e o não menos extraordinário desenvolvimento de novas tecnologias, relegaram a um segundo plano certas vantagens que determinados países — como o Brasil — ainda poderiam dispor em seu processo de competição no mercado internacional.

A posse de grandes contingentes de mão-de-obra — se possível barata — e de enormes quantidades de matéria-prima deixou de ser um fator preponderante no jogo econômico mundial. O consumo de aço, por peça produzida, é hoje muito menor do que o era há dez anos. A produção de fibras óticas, na base de um punhado de areia, torna os fios de cobre coisas do século passado.

Dentro de alguns anos, os supercondutores irão transformar um sem-número de matérias-primas em peças de museu. Vivemos a era das pesquisas, da ciência e da tecnologia. Em outras palavras, vivemos a era dos **cérebros**. Mais do que nunca, o nosso tempo é tempo do homem e não o tempo das máquinas e dos materiais.

O fantástico progresso experimentado pelo Japão, hoje inegavelmente a nação mais rica do mundo, é o exemplo mais bem acabado da nova revolução industrial, da “Terceira Onda” de que nos fala Alvin Toffler. Paupérrimo em recursos naturais, espremido num território minúsculo, o Japão apostou na Educação e venceu.

A pergunta que eu faço é esta: será que o Brasil está fazendo esta mesma aposta? A resposta é clara e insofismável: nem antes nem agora o Brasil cuida de acompanhar o mundo moderno, o que as nações ricas e desenvolvidas estão fazendo. A Educação, em nosso País, nunca foi uma prioridade: e o problema não é só do governo, ou da Nova República. É de todos os governos que tivemos, com raríssimas exceções, nos últimos 50 anos pelo menos.

E não se pode alegar que se faz tão pouco, que temos esses índices de analfabetismo que nos humilham mesmo entre nossos parceiros do Terceiro Mundo, porque faltam recursos, porque o País é pobre. Em parte isso é verdade, mas não é tudo. É evidente que, se o Estado brasileiro não desperdiçasse tanto dinheiro para sustentar empresas estatais inúteis e perdulárias, para manter uma máquina burocrática inchada e emperrada, sobriariam muito mais recursos para se aplicar não só em Educação mas em outras prioridades como Saúde e Saneamento Básico.

Mas, mesmo assim, o que vai para a Educação, poderia render muito mais, se fosse melhor aplicado; se o setor educacional oficial não padecesse dos mesmos vícios e erros de que padece todo o aparelho estatal brasileiro. Os exemplos estão aí: nossas universidades públicas — e esses são dados oficiais, divulgados pelo então ministro da Educação, Jorge Bornhausen — possuíam, em 1986, um professor para cada 4,7 alunos. Essa mesma proporção, nos Estados Unidos, era de um para 19, na Alemanha de um para 15 e a média européia, de um para 12.

Isto é ou não empreguismo? Gasta-se muito e gasta-se mal, porque todos sabemos como os professores e funcionários são mal pagos e o quanto são frágeis ainda as condições de ensino e pesquisa. E o desperdício é geral, em todos os níveis, não apenas no universitário. Um levantamento da Secretaria de Ensino Básico do MEC constatou por exemplo, que de cada Cz\$ 100.000 que o governo federal repassa a um estado nordestino, apenas Cz\$ 52.000 chegam, efetivamente, às salas de aula. O resto se perde nos caminhos da burocracia.

O desafio que temos pela frente era para ontem. Ou destruímos já esse monstro burocrático e apostamos verdadeiramente na Educação e na pesquisa ou continuaremos sendo eternamente o país do futuro”.

Ruy Mesquita Filho,
diretor do Jornal Tarde

Terça-feira

O depoimento de

Fábio Goffi,

diretor da Faculdade

de Medicina da USP,

será publicado

terça-feira que vem,

na terceira parte do seminário

“Profissões, um dilema?”